

DAVID MITCHELL

# Atlas de nuvens

*Tradução*

Paulo Henriques Britto



Copyright © 2004 by David Mitchell  
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Cloud Atlas

*Capa e caixa*

Elisa von Randow

*Preparação*

Lígia Azevedo

*Revisão*

Renata Lopes Del Nero

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mitchell, David

Atlas de nuvens / David Mitchell ; tradução Paulo Henriques Britto. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original : Cloud Atlas  
ISBN 978-85-359-2758-0

1. Ficção inglesa 1. Título.

---

16-04240

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

*Diário de viagem ao  
Pacífico de Adam Ewing*

*Quinta-feira, 7 de novembro*

Para além da aldeia indígena, numa praia erma, deparei por acaso com uma trilha de pegadas recentes. Passando por entre algas putrefactantes, coqueiros e bambus, as pegadas levaram-me até aquele que as produzira, um homem branco, calças e jaqueta arregaçadas, barba bem aparada e na cabeça um castor grande demais para ele, escavando e joeirando a areia mesclada de cinzas com uma colher de chá, de modo tão concentrado que só deu pela minha presença depois que o saudei duma distância de dez jardas. Assim foi que vim a travar conhecimento com o dr. Henry Goose, cirurgião que atende à nobreza londrina. Sua nacionalidade não me surpreendeu. Se há neste mundo um pico tão desolado, ou um ilhéu tão distante, que lá se pode ir sem encontrar nenhum inglês, tal pico ou ilhéu não consta em nenhum mapa de quantos tenho visto.

Teria o médico perdido algo em plaga tão desolada? Poderia eu lhe ser de alguma serventia? O dr. Goose fez que não com a cabeça, desamarrou seu lenço e exibiu o que havia dentro dele com indisfarçável orgulho. “Os dentes, meu senhor, são os graais esmaltados desta minha demanda. Em dias

idos, esta praia edêника foi salão de banquetes de canibais, sim, onde os fortes empanturravam-se com a carne dos fracos. Os dentes, eles cuspiam-nos, tal como eu e o senhor cuspimos caroços de cerejas. Mas esses molares vis serão transmutados em ouro, e sabe como? Um artesão de Piccadilly que fabrica dentaduras para a nobreza compra dentes humanos a preço muito alto. O senhor saberia quanto custa oito onças do produto?"

Confessei que não sabia.

"Pois de mim não há de ficar sabendo, meu senhor, já que se trata dum segredo profissional!" Deu um leve piparote no nariz. "Sr. Ewing, por acaso conhece a marquesa Grace de Mayfair? Não? Tanto melhor para si, pois que é um cadáver de anágua. Cinco anos se passaram desde que essa megera conspurcou meu bom nome, sim, com ilações cujo efeito foi excluir-me da sociedade." O dr. Goose contemplava o mar. "Minhas peregrinações começaram nesse momento negro."

Manifestei minha solidariedade com a situação dele.

"Obrigado, meu senhor, obrigado, mas estas pérolas", disse sacudindo o lenço, "são meus anjos redentores. Permita-me que lhe explique minhas palavras. A marquesa usa uma dentadura feita pelo protético que mencionei. No próximo Natal, no momento exato em que essa jumenta estiver presidindo a seu Baile dos Embaixadores, eu, Henry Goose, vou levantar-me e declarar a todos os presentes, alto e bom som, que nossa anfitriã mastiga sua comida com dentes de canibais! Sir Hubert, naturalmente, há de me desafiar: 'Apresente suas provas', rosnará o boçal, 'ou então escolha a hora e o local!'. E eu responderei: 'Provas, Sir Hubert? Ora, *eu próprio* catei esses dentes na escarradeira do Pacífico Sul! Eis aqui, meu senhor, *aqui*, alguns deles!' e lançarei estes dentes que o senhor está vendo dentro da sopeira de casco de tartaruga da marquesa, e pronto — *essa* será minha hora e meu local! A gélida marquesa será escaldada pelos maledicentes nos pasquins da cidade, e na próxima temporada londrina ela terá de se dar por satisfeita se for convidada para o Baile do Asilo de Indigentes!"

Mais que depressa, despedi-me de Henry Goose. Creio tratar-se dum orate.

*Sexta-feira, 8 de novembro*

No tosco estaleiro diretamente abaixo da minha janela, estão a reparar o pau da bujarrona, sob o comando do sr. Sykes. O sr. Walker, o único taberneiro de Ocean Bay, é também o principal madeireiro, e costuma se gabar de seus tempos como construtor naval em Liverpool. (Bem versado que já estou em questões de etiqueta destas regiões antípodas, abstengo-me de contestar verdades duvidosas como essa.) Disse-me o sr. Sykes que precisará dum a semana para deixar o *Prophetess* como se “saído de Bristol”. Passar sete dias enfiado no *Musket* parece uma verdadeira condenação, e no entanto, quando me lembro da feroz tempestade e dos marinheiros tragados pelo mar, meus sofrimentos atuais parecem-me menos intensos.

Encontrei-me com o dr. Goose na escada hoje de manhã, e juntos fizemos o desjejum. Ele está hospedado no *Musket* desde meados de outubro, tendo chegado aqui a bordo dum navio mercante brasileiro, o *Namorados*, vindo de Fiji, onde praticava seu ofício numa missão. Agora o doutor aguarda a chegada, há muito tempo adiada, dum navio australiano, o *Nellie*, que se dedica à caça de focas, o qual o levará a Sydney. Lá na colônia ele tentará encontrar trabalho num navio de passageiros que o leve à sua cidade natal, Londres.

O juízo que formei do dr. Goose foi injusto e prematuro. Há que ser cétilo como Diomedes para prosperar na minha profissão, porém o ceticismo por vezes nos torna cegos para virtudes mais sutis. O doutor tem lá suas excentricidades, e sobre elas discorre de bom grado por uma dose de pisco português (nisso jamais se excedendo), porém afirmo que ele é o único outro cavalheiro que há nesta latitude a leste de Sydney e a oeste de Valparaíso. Talvez eu chegue mesmo a redigir-lhe uma carta de apresentação dirigida aos Partridge de Sydney, pois o dr. Goose e o querido Fred são farinha do mesmo saco.

Tendo o mau tempo me levado a cancelar minha caminhada matinal, ficamos a prosear ao pé da lareira, onde ardia um fogo de turfa, e as horas passaram-se como se fossem minutos. Falei por um bom tempo de Tilda e Jackson e também de meus temores referentes à “febre do ouro” em San Francisco. Em seguida, nossa conversação trasladou-se da minha cidade natal

para minha atuação mais recente como tabelião em Nova Gales do Sul, e de lá para a Gibbons, Malthus & Godwin, via médicos e locomotivas. A conversação atenta é um emoliente que muita falta me faz a bordo do *Prophetess*, e o doutor é um verdadeiro polímata. Ademais, ele possui um belo exército de peças de xadrez de marfim feitas à mão, o qual não há de conhecer a paz enquanto não partir o *Prophetess* ou não chegar o *Nellie*.

### *Sábado, 9 de novembro*

Sol nascente brilhando como um dólar de prata. Nossa escuna ainda faz triste figura na baía. Uma canoa de guerra de índios está sendo virada de carena na praia. Eu e Henry saímos em direção à “praia dos Banquetes” num clima festivo, saudando alegremente a criada que trabalha para o sr. Walker. A moça emburrada estava estendendo roupa num arbusto para secar e fez que não nos viu. Ela tem um pouco de sangue negro, e imagino que sua mãe não esteja a grande distância da selva.

Passando junto à aldeia dos índios, ouvimos um zumbido que despertou nossa curiosidade, e resolvemos descobrir de onde ele vinha. A povoação é circunvalada por uma cerca de estacas, tão apodrecida que há mais de dez lugares por onde se pode penetrá-la. Uma cadela sem pelos levantou a cabeça, mas era desdentada e estava moribunda, então não latiu. Um círculo externo de cabanas de *ponga* (feitas de galhos, paredes de argila e telhados de ripas entrelaçadas) ajoelhava-se humildemente diante de prédios “grandiosos”, estruturas de madeira com dintéis de madeira trabalhada e pórticos rudimentares. No centro desta aldeia um homem estava a ser publicamente açoitado. Eu e Henry éramos os dous únicos brancos presentes, mas havia três castas de índios e espectadores demarcadas. O chefe ocupava seu trono, com um manto de plumas, enquanto os fidalgos tatuados e suas mulheres e seus filhos formavam seu séquito, num total de cerca de trinta pessoas. Os escravos, mais escuros e sujos do que seus senhores de pele acastanhada, perfazendo menos de metade dos outros em número, estavam acocorados na lama. Que torpor inato e bovino! Com cicatrizes e pústulas de *haki-haki*, esses miseráveis assistiam ao castigo, e sua única reação era aquele estranho zumbido, como de abelhas. Se era empatia ou condenação o significado daquele ruído, não

sabíamos. O algoz era um Golias cujo físico haveria de intimidar qualquer pugilista. Enormes lagartos tatuados cobriam toda a musculatura do selvagem: a pele de animal que ele trajava valia um bom preço, porém eu é que não haveria de me incumbir de arrancá-la dele, nem por todas as pérolas do Havaí! O mísero prisioneiro, encanecido pela passagem de muitos anos duros, estava amarrado nu a uma estrutura de madeira. Seu corpo estremecia a cada golpe fulminante, suas costas formavam um pergaminho de runas traçadas em sangue, porém seu rosto insensível exprimia a serenidade dum mártir já entregue às mãos do Senhor.

Confesso que a cada vergastada eu estremecia. Então aconteceu uma coisa estranha. O selvagem supliciado levantou a cabeça até então caída, seu olho buscou o *meu* e dirigiu-me um olhar insólito e amistoso de entendimento mútuo! Como se um ator encontrasse um amigo que não via há muito no camarote de honra do teatro e, sem que a plateia se desse conta do fato, comunicasse seu reconhecimento a ele. Um negro tatuado aproximou-se de nós e exibiu-nos seu punhal de nefrita para indicar que não éramos bem-vindos ali. Perguntei qual era o crime de que o prisioneiro fora acusado. Henry enlaçou-me com o braço. “Venha, Adam, um homem prudente não se interpõe entre a fera e a presa.”

*Domingo, 10 de novembro*

O sr. Boerhaave estava instalado em meio a sua cabala de patifes de confiança, como se fosse Lorde Sucuri e suas cobras venenosas. Suas “celebrações” dominicais no andar térreo haviam começado antes mesmo de eu me levantar. Fui procurar água para barbear-me e constatei que a taberna estava cheia de marujos a aguardar sua vez com aquelas pobres moças indígenas que Walker aprisionou num bordel improvisado. (Rafael não estava entre os participantes da orgia.)

Não costumo fazer meu desjejum domingueiro num prostíbulo. A repulsa sentida por Henry era semelhante à minha, e assim abrimos mão dessa refeição (a empregada certamente estava ocupada com um serviço de outra natureza) e saímos em direção à capela ainda em jejum.

Não havíamos caminhado duzentas jardas quando, para minha mortificação, lembrei-me de que este diário estava largado sobre a mesa de meu

quarto no *Musket*, visível para qualquer marinheiro bêbado que lá entrasse. Preocupado com sua segurança (e a minha, caso o sr. Boerhaave pusesse as mãos nele), dei meia-volta com o intuito de escondê-lo com mais cuidado. Fui recebido com sorrisos debochados, e imaginei que fosse eu próprio o assunto em pauta, porém dei-me conta do verdadeiro motivo quando abri minha porta: a saber, deparei com as nádegas ursinas do sr. Boerhaave, montado em sua concubina pagã, na *minha* cama, em flagrante delito! E o demônio do holandês acaso desculpou-se? Longe disso! Não, julgou-se *ele próprio* a parte prejudicada, gritando: “Fora daqui, sr. Pica de Pena! Senão, juro pelos c\*\*\*ões de Cristo que vou partir em duas tua pena ianque mentirosa!”.

Apoderei-me de meu diário e descii correndo a escada, sendo recebido lá embaixo por uma *risocracia* de facéias e troças da parte dos selvagens brancos lá reunidos. Fui queixar-me a Walker, pois estava pagando por um quarto particular e queria que ele permanecesse só meu mesmo durante minha ausência, porém o tratante limitou-se a oferecer-me um desconto de um terço se eu quisesse “galopar por um quarto de hora montado na potranca mais mimosa de minha estrebaria!”. Enojado, retorqui que eu era casado e pai de filhos!, e que preferia morrer a conspurcar minha dignidade e minha decência com qualquer uma de suas putas bexiguentas! Walker jurou que haveria de “enfeitar meus olhos” na próxima vez que eu chamassem suas queridas filhas de “putas”. Uma cobra desdentada mangou de mim dizendo que, se possuir mulher e filho era uma virtude, “Então, sr. Ewing, sou dez vezes mais virtuoso que o senhor！”, e uma mão que não vi esvaziou sobre a minha pessoa uma caneca de *sheog*. Retirei-me antes que o líquido fosse substituído por um projétil mais sólido.

O sino da capela estava a convocar a população temente a Deus de Ocean Bay, e apressei-me naquela direção, onde Henry me esperava, tentando esquecer a indecência que acabava de testemunhar em meu quarto. A capela rangia como um navio velho, e sua congregação não era muito mais numerosa do que os dedos de um par de mãos, porém viajante algum jamais saciou sua sede num oásis com mais sentimentos de gratidão do que eu e Henry no culto desta manhã. O fundador luterano repousa no campo-santo de sua capela há mais de dez invernos, e nenhum sucessor devidamente ordenado ainda se aventurou a assumir a posse desse altar. Assim, ele é ocupado por um “saco de gatos” de seitas cristãs. Passagens da Bíblia foram lidas

por aquela metade da congregação que sabia ler, e juntos cantamos alguns hinos escolhidos pelos fiéis. O “pastor” desse rebanho demótico, um certo sr. D’Arnoq, oficiava sob um crucifixo modesto, e convidou a mim e Henry a participar do mesmo modo. Relembro minha própria salvação na tempestade da semana passada, escolhi Lucas, capítulo oito: *Aproximando-se dele, despertaram-no, dizendo: “Mestre, Mestre, perecemos!”*. Ele, porém, levantando-se, conjurou severamente o vento e o tumulto das ondas: *apaziguaram-se e houve bonança.*

Henry recitou o Salmo oitavo, com voz tão sonora quanto a dum ator escolado: *Para que domine as obras de tuas mãos, sob seus pés tudo colocaste: ovelhas e bois, todos, e as feras do campo também; a ave do céu e os peixes do mar quando percorre ele as sendas dos mares.*

Nenhum organista tocou o *Magnificat*, senão o vento na chaminé, nem nenhum coro cantou o *Nunc Dimittis*, senão as gaivotas a lamentar-se, e no entanto penso que o Criador ficou contente. Éramos mais semelhantes aos cristãos primitivos de Roma do que qualquer igreja mais moderna, incrustada de símbolos arcânicos e pedras preciosas. Em seguida, rezou-se a prece comunitária. Os fiéis oravam *ad libitum*, pedindo a erradicação da praga da batata, piedade para a alma duma criancinha morta, a bênção para um novo barco de pesca etc. Henry deu graças pela hospitalidade que recebemos, como visitantes, dos cristãos da ilha de Chatham. Ecoei tais sentimentos e rezei por Tilda, Jackson e meu sogro durante aquela minha ausência prolongada.

Findo o culto, eu e o doutor fomos abordados do modo mais cordial por um dos “mestres principais” daquela congregação, um certo sr. Evans, o qual apresentou a mim e a Henry sua esposa (ambos contornavam o obstáculo da surdez respondendo apenas aquelas perguntas que *julgavam* ter sido formuladas, e aceitando apenas aquelas respostas que *julgavam* ter sido dadas — uma espécie de estratagema adotado por muitos advogados americanos) e seus filhos gêmeos, Keegan e Dyfedd. O sr. Evans nos fez saber que todas as semanas tinha o hábito de convidar o sr. D’Arnoq, nosso pregador, para jantar na casa deles, perto dali, pois o reverendo mora em Port Hutt, um promontório a algumas milhas de distância. Gostaríamos nós de participar daquela refeição dominical? Já havendo informado Henry a respeito da Gomorra instaurada no *Musket* e ouvindo os gritos de “Motim!” que partiam de nosso estômago, aceitamos a bondade dos Evans com gratidão.

A sede da fazenda de nossos anfitriões, situada a meia milha de Ocean Bay, aonde se chegava subindo um vale sinuoso e varrido por ventos fortes, revelou-se um prédio frugal, porém protegido contra aquelas tempestades infernais que partem a espinha de tantas naus infelizes que vão de encontro aos recifes. A sala era habitada por uma monstruosa cabeça de porco (que sofria de queixo caído e estrabismo), morto pelos gêmeos no dia em que eles completaram dezesseis anos, e um relógio de pêndulo sonâmbulo (que assinalava uma hora mui diferente da marcada pelo meu relógio de bolso. Aliás, um dos produtos da maior importância entre os que são importados na Nova Zelândia é a hora certa). Um peão indígena olhava através da vidraça para as visitas de seu patrônio. Eu jamais vira um pobre-diabo mais maltrapilho em toda a minha vida, porém o sr. Evans jurou que aquele mestiço, “Barnabas”, era “o mais rápido cão pastor bípede que já existira”. Keegan e Dyfedd são dous rapazes peludos e honestos, que entendem principalmente de carneiros (a família é proprietária de duzentas cabeças), pois nenhum dos dous jamais foi à “Cidade” (o nome que dão os ilhéus à Nova Zelândia), nem jamais receberam outra instrução que não as aulas sobre as Escrituras dadas por seu pai, graças às quais eles leem e escrevem com razoável desenvoltura.

A sra. Evans deu graças, e saboreei minha refeição mais agradável (livre do excesso de sal, moscas e imprecações) desde o jantar de despedida com o cônsul Bax e os Partridge no Beaumont. O sr. D’Arnoq brindou-nos com histórias dos navios em que ele trabalhou nos dez anos que vem passando na ilha Chatham, enquanto Henry nos divertia com casos de pacientes, uns ilustres, outros humildes, de quem cuidou em Londres e na Polinésia. De minha parte, relatei as muitas dificuldades enfrentadas por este tabellão americano até conseguir localizar o beneficiário australiano dum testamento lavrado na Califórnia. Nossa cozido de carneiro com maçã assada foi regado com a cerveja fraca produzida pelo sr. Evans para ser vendida aos baleeiros. Keegan e Dyfedd foram cuidar do gado e a sra. Evans retirou-se para a cozinha. Henry perguntou se havia missionários ativos no momento nas ilhas Chatham, comentário esse que levou os srs. Evans e D’Arnoq a se entreolhar, e em seguida aquele nos informou: “Não, os maoris não veem com bons olhos os *pakeha* que estragam os morioris deles com excesso de civilização”.

Perguntei então se haveria um “excesso de civilização” que fosse nocivo. Respondeu-me o sr. D’Arnoq: “Se não há Deus a oeste do cabo Horn, então não tem significado a proposição da sua constituição, *Todos os homens foram criados iguais*, sr. Ewing”. Os termos “maori” e “pakeha” eu já conhecia, do tempo que o *Prophetess* havia passado na baía de Islands, porém pedi que me dissessem quem ou o que seriam os tais “morianos”. Minha pergunta abriu uma boceta de Pandora de historiografia, com todos os pormenores a respeito do declínio e queda dos aborígenes de Chatham. Acendemos nossos cachimbos. A narrativa do sr. D’Arnoq ainda não fora interrompida três horas depois, quando ele se viu obrigado a partir para Port Hutt antes que o cair da noite obscurecesse a vereda esburacada. Aquela sua história falada, no meu entender, está à altura da pena dum Defoe ou Melville, e hei de registrá-la nestas páginas, depois, se Morfeu quiser, duma boa dormida.

*Segunda-feira, 11 de novembro*

Madrugada suarenta e sem sol. A baía tem um aspecto viscoso, porém o tempo está bom o suficiente para que se possa continuar o trabalho de reparos do *Prophetess*, graças a Netuno. O novo mastro da mezena está sendo instalado no momento em que escrevo.

Minutos atrás, quando eu e Henry fazíamos o desjejum, o sr. Evans chegou numa azáfama, importunando meu amigo médico para que ele fosse cuidar duma vizinha reclusa, uma certa viúva Bryden, que havia sido derrubada por seu cavalo, caindo num pântano pedregoso. A sra. Evans, que estava com ela, temia que a viúva corresse risco de vida. Henry pegou sua maleta de médico e partiu sem demora. (Ofereci-me para acompanhá-lo, porém o sr. Evans pediu-me que ficasse, pois a paciente fizera com que lhe prometesse que apenas um médico a veria naquele estado incapacitado.) Walker, entreouvindo esse colóquio, disse-me que nenhum representante do sexo masculino havia posto o pé na casa da viúva nos últimos vinte anos, observando: “Aquela porca velha frígida deve estar mesmo batendo as botas, se vai deixar o dr. Charlatão pôr as mãos nela”.

As origens dos morioris de “Rēkohu” (o nome nativo dado às ilhas Chatham) permanecem misteriosas até hoje. Crê o sr. Evans que eles descendam dos judeus expulsos da Espanha, mencionando seu nariz adunco e seus lábios debochados. A teoria preferida do sr. D’Arnoq, segundo a qual os morioris foram outrora maoris cujas canoas naufragaram nessas ilhas tão remotas, baseia-se em semelhanças de idioma e mitologia, e portanto possui mais quiletates de lógica. O que parece claro é que, após séculos ou milênios de isolamento, os morioris levavam uma vida tão primitiva quanto a de seus infelizes primos da Terra de Van Diemen. As artes de construção de barcos (que não fossem rudes jangadas urdidas com gravetos, usadas para atravessar os canais entre as ilhas) caíram em desuso. Que o globo terráqueo continha outras terras, pisadas por pés outros, era algo que os morioris sequer sonhavam. De fato, em sua língua não há palavra que signifique “raça”, e “moriori” não quer dizer outra coisa que não “gente”. A pecuária não era praticada, pois só apareceram mamíferos por lá quando os baleeiros que por ali passavam deixaram porcos nas ilhas, a fim de que procriassem. Em seu estado virginal, os morioris limitavam-se a recolher mariscos *paua*, mergulhar para pegar lagostins, tirar ovos de ninhos, matar focas com lanças, catar algas e cavoucar em busca de larvas e raízes.

Até então, os morioris não passavam dum variante local desses pagãos que trajam saíotes de linho e mantos de plumas, encontradiços nos “pontos cegos” do oceano, cada vez menos numerosos, onde o homem branco ainda não levou seus ensinamentos. A singularidade da velha Rēkohu, porém, residia em sua fé pacífica, única no mundo. Desde tempos imemoriais, a casta sacerdotal dos morioris determinava que todo aquele que vertia o sangue dum homem matava seu próprio *mana* — sua honra, seu valor, seu prestígio e sua alma. Nenhum moriori dava abrigo nem alimento a tal *persona non grata*, dirigia-lhe a palavra ou sequer olhava para ela. Se o assassino reduzido ao ostracismo conseguia sobreviver a seu primeiro inverno, o desespero da solidão costumava levá-lo a uma fenda na rocha do cabo Young, onde ele cometia suicídio.

Pensem nisso, insistia o sr. D’Arnoq. Dous mil selvagens (o cálculo é do sr. Evans) incluem *Não matarás* em palavras e *atos* numa “Carta Magna” oral e assim criam uma harmonia desconhecida em qualquer outra parte do mundo durante os sessenta séculos transcorridos desde que Adão provou do fruto

da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. A guerra era para os morioris um conceito tão desconhecido quanto o telescópio o é para os pigmeus. A *paz*, não um hiato entre guerras, e sim milênios de paz imperecível, vige nessas ilhas distantes. Quem haverá de negar que a velha Rēkohu estava mais próxima da utopia de Tomás Morus do que os nossos estados de progresso, governados por régulos belicosos em Versalhes e Viena, Washington e Westminster? “Aqui”, proclamava o sr. D’Arnoq, “e só aqui, é que esses ariscos fantasmas, os bons selvagens, podiam ser encontrados em carne e osso!” (Henry, quando caminhávamos de volta para o *Musket* mais tarde, confessou: “Jamais consegui ver com olhos tão lisonjeiros uma raça de selvagens que de tão atrasados não sabem sequer atirar uma lança em linha reta”.)

A paz e o vidro revelam-se frágeis quando golpeados repetidamente. O primeiro golpe sofrido pelos morioris foi a bandeira britânica fincada na terra da baía Skirmish em nome do rei Jorge pelo tenente Broughton, que veio na nau *Chatham* há apenas cinquenta anos. Três anos depois, a descoberta de Broughton estava devidamente registrada nas cartas marítimas de Sydney e Londres, e um punhado de colonos livres (entre eles o pai do sr. Evans), marinheiros naufragos e “condenados que não haviam entrado em acordo com o Departamento Colonial de Nova Gales do Sul com relação aos termos de seu encarceramento” estavam cultivando abóbora, cebola, milho e cenoura. Esses produtos eram vendidos aos caçadores de focas, o que constituiu o segundo golpe sofrido pela independência dos morioris, cujos prospectos de prosperidade frustraram-se quando se tingiram de vermelho, do sangue das focas, as águas do mar. (O sr. D’Arnoq ilustrou os lucros por meio desta aritmética: uma única pele de foca valia quinze xelins em Cantão, e aqueles caçadores pioneiros chegavam a reunir mais de duas mil peles *por navio!*) Em poucos anos, só havia focas nas rochas mais distantes, e os caçadores também passaram a plantar batatas, criar carneiros e porcos em tal escala que as ilhas Chatham agora são conhecidas como “O Jardim do Pacífico”. Esses fazendeiros *parvenus* preparam a terra por meio de queimadas que ficam a arder em forma de brasa por baixo da turfa por muitas estações, causando calamidades quando o fogo aflora à superfície nos tempos de seca.

O terceiro golpe sofrido pelos morioris foi causado pelos numerosos baleeiros que passaram a vir a Ocean Bay, Waitangi, Owenga e Te Whakaru para fazer carenagem e outros reparos, bem como para abastecer-se. Os gatos

e ratos trazidos pelos baleeiros se multiplicaram como as pragas do Egito e comeram as aves que se aninhavam em tocas e cujos ovos eram uma importante fonte de alimento para os morioris. O quarto golpe, aquela variedade de doenças que dizima as raças mais escuras sempre que a civilização branca delas se aproxima, diminuiu a população de aborígenes ainda mais.

Todas essas desgraças, os morioris talvez houvessem logrado suportá-las, não fossem os relatos que chegavam à Nova Zelândia pintando as ilhas Chatham como um verdadeiro Canaã de lagunas apinhadas de enguias, grutas recobertas de mariscos e habitantes que não conheciam a guerra nem as armas. Aos ouvidos dos Ngati Tama e dos Ngati Mutunga, dous clãs dos maoris Taranaki Te Ati Awa (a genealogia dos maoris, segundo o sr. D'Arnoq, não é menos intrincada do que as árvores genealógicas tão reverenciadas pela fidalguia europeia — aliás, qualquer menino dessa raça iletrada é capaz de evocar, de imediato, o nome e a “posição” do avô de seu avô), tais rumores prometiam uma compensação pelas terras ancestrais que eles haviam perdido durante as recentes Guerras dos Mosquetes. Espiões foram enviados a fim de testar a bravura dos morioris, violando os tabus e profanando os locais santificados. A tais provocações os morioris reagiram tal como Nosso Senhor quando importunados, “dando a outra face”, e os transgressores voltaram à Nova Zelândia confirmando a aparente pusilanimidade dos morioris. Os maoris conquistadores, ostentando suas tatuagens, conseguiram uma armada, a qual consistia num único navio, através do capitão Harewood, do brigue *Rodney*, o qual, nos meses derradeiros do ano de 1835, dispôs-se a transportar novecentos maoris e sete canoas de guerra em duas viagens, em troca de batatas para semear, armas de fogo, porcos, uma grande quantidade de linho ripado e um canhão. (O sr. D'Arnoq encontrou Harewood há cinco anos, sem um tostão, numa taberna na baía de Islands. De início, o homem negou ser o Harewood do *Rodney*, depois jurou que fora sob coação que havia transportado os negros, sem, porém, explicar de que modo havia sido coagido.)

O *Rodney* partiu de Port Nicholas em novembro, mas seu cargo pagão de quinhentos homens, mulheres e crianças, amontoados no porão para uma viagem de seis dias, em meio a excrementos e vômitos, munidos dum a quantidade mínima de água, chegou à enseada de Whangatete em tal estado de fraqueza que, *se quisessessem fazê-lo*, até mesmo os morioris teriam sido

capazes de matar aqueles seus irmãos belicosos. Em vez disso, os bons samaritanos preferiram dividir com eles a abundância já diminuída de Rēkohu a destruir seu mana derramando sangue, e cuidaram dos maoris doentes e moribundos até restituir-lhes a saúde. “Maoris já tinham vindo a Rēkohu em ocasiões anteriores”, explicou o sr. D’Arnoq, “e haviam ido embora depois, de modo que os morioris julgavam que aqueles colonos também os deixariam em paz.”

A generosidade dos morioris foi recompensada quando o capitão Harewood voltou da Nova Zelândia com mais quatrocentos maori. Dessa vez os estranhos afirmaram sua posse de Chatham através do *takahi*, um ritual maori que pode ser traduzido como “caminhar pela terra a fim de apossar-se dela”. Dessarte, a velha Rēkohu foi dividida e os morioris foram informados de que doravante seriam vassalos dos maoris. No início de dezembro, quando cerca de uma dúzia de aborígenes protestaram, foram incontinentes mortos com machadinhas. Os maoris demonstraram ter aprendido muito bem com os ingleses “as sombrias artes da colonização”.

A ilha Chatham contém, na sua parte leste, uma extensa laguna, Te Whanga, quase um mar interior, porém fecundada pelo oceano na maré alta através dos “lábios” da laguna em Te Awapatiki. Catorze anos atrás, os homens morioris realizaram naquele local sagrado um parlamento. Três dias durou a assembleia, com o objetivo de resolver a seguinte questão: o derramamento de sangue maori também teria o efeito de destruir o mana de quem os matasse? Os mais jovens argumentaram que o credo da paz não se aplicava a canibais estrangeiros a respeito dos quais seus ancestrais nada sabiam. Os morioris teriam de matar, ou então seriam mortos. Os anciões insistiram que era necessário conciliar-se com os forasteiros, pois enquanto os morioris preservassem seu mana com a terra, seus deuses e seus ancestrais livrariam sua raça de todo o mal. “Abraça teu inimigo”, insistiram os anciões, “para impedir que ele te ataque.” (“Abraça teu inimigo”, troçou Henry, “para sentir a ponta de seu punhal fazendo cócegas em teus rins.”)

Os anciões venceram, porém de pouco adiantou. “Quando não gozam de superioridade numérica”, disse-nos o sr. D’Arnoq, “os maoris obtêm vantagem atacando antes e com muita força, como o podem testemunhar muitos infelizes ingleses e franceses em seus túmulos.” Os Ngati Tama e os Ngati Mutunga também realizaram seus conselhos. Os homens morioris voltaram

do parlamento e foram recebidos por emboscadas e uma noite de infâmia muito além de qualquer pesadelo, de massacre, de aldeias incendiadas, de rapina, de homens e mulheres empalados em fileiras nas praias, de crianças escondidas em buracos sendo farejadas e desmembradas por cães de caça. Alguns chefes, pensando no dia de amanhã, mataram apenas o suficiente para inculcar obediência aterrorizada nos sobreviventes. Outros não foram tão contidos. Na praia de Waitangi cinquenta morioris foram decapitados, fatiados, envoltos em folhas de linho e em seguida assados num gigantesco forno escavado na terra, com inhames e batatas-doces. Menos de metade dos morioris que tinham visto o último pôr do sol da velha Rēkohu estavam vivos para testemunhar o nascer do sol maori. (“Menos de cem morioris de sangue puro estão vivos agora”, lamentou o sr. D’Arnoq. “No *papel*, a Coroa britânica libertou-os da escravatura anos atrás, mas os maoris não ligam para papéis. De onde estamos até a Casa do Governador, leva-se uma semana de barco, e Sua Majestade não mantém nenhuma guarnição em Chatham.”)

Perguntei por que os brancos não haviam impedido os maoris de cometer tal massacre.

O sr. Evans não estava mais dormindo, nem estava tão inconsciente quanto eu imaginava. “O senhor já viu guerreiros maoris excitados pelo sangue, sr. Ewing?”

Respondi que não.

“Mas o senhor já viu tubarões excitados pelo sangue, não?”

Respondi que sim.

“É bem parecido. Imagine um bezerro a sangrar e a se debater em água rasa infestada de tubarões. O que fazer: afastar-se da água ou tentar conter as mandíbulas dos tubarões? Era essa a nossa escolha. Claro, ajudamos os poucos que chegaram a nossas portas — nosso pastor Barnabas foi um deles —, mas quem saísse de casa naquela noite não voltaria jamais. Tenha em mente que nós brancos éramos cinquenta apenas, em toda Chatham, naquela época. Novecentos maoris ao todo. Os maoris obedecem a nós, os *pakehas*, sr. Ewing, porém nos desprezam. Nunca se esqueça disso.”

Moral da história? A paz, ainda que amada por Nosso Senhor, só é uma virtude cardeal se o próximo tem a mesma consciência que nós.